

## LIÇÕES APRENDIDAS COM OS PROCESSOS DE MOBILIZAÇÃO SOCIAL PROCESSOS DE MOBILIZAÇÃO NA COLÔMBIA DURANTE 2021

Lemy Bran - Piedrahita

Mestre em Governo e Políticas Públicas. Professor investigador - Corporación Universitaria Americana. Medellín (Colômbia). E-mail: [lbpedrahita@americana.edu.co](mailto:lbpedrahita@americana.edu.co) ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5114-9081>

Ao longo dos anos, os processos de mobilização social tornaram-se uma categoria de análise crucial dentro das ciências sociais, uma vez que representam a manifestação das emoções dos indivíduos, que geralmente estão ligadas à expressão de inconformidade com os sistemas políticos, económicos ou sociais, dependendo dos catalisadores que motivam a mobilidade das pessoas (Massal, 2021).

Não é de estranhar que, com o advento do século XXI, as mobilizações se tenham tornado cada vez mais frequentes, recorrendo a diferentes meios para organizar as pessoas em torno de uma causa comum - como tem sido o caso das redes sociais desde o reforço das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC). Veja-se, por exemplo, as revoltas árabes e a greve camponesa na Colômbia em 2013 (Massal, 2021).

No entanto, num país como a Colômbia, o descontentamento social é de longa data; de acordo com Rodríguez (2020), nos últimos seis anos surgiram uma série de manifestações da sociedade em relação à classe dominante, cujas queixas giraram em torno de questões como a insegurança, o desemprego, as relações internacionais - como os acordos de comércio livre assinados com países como os Estados Unidos - e, em geral, as condições económicas do território.

De facto, com base no estudo de González (2019), pode inferir-se que as mobilizações sociais no país nos últimos anos estão intimamente ligadas ao modelo de desenvolvimento implementado, do qual derivam reivindicações relativas à cobertura, acesso e qualidade dos serviços sociais, bem como uma preocupação latente com as implicações que os processos extractivos estão a ter na sustentabilidade dos recursos naturais.

Assim, durante as mobilizações sociais que começaram em abril de 2021 em diferentes cidades do país, a complexidade deste fenómeno e os elementos que o explicam podem ser apreciados, uma vez que, como referem Caicedo e Quintana (2021), houve diversas causas e actores envolvidos na greve. Isto explica que as mobilizações tenham trazido para as ruas estudantes, trabalhadores, professores, sectores rurais e, em geral, uma variedade de agentes cujas reivindicações exigiam mudanças no sistema social altamente excludente; o que nos leva a questionar a eficácia dos instrumentos com os quais o desenvolvimento tem sido gerido.

Assim, considerando os factores estruturais que desencadearam esta última mobilização, é possível compreender a complexidade que os diferentes protestos adquiriram em diferentes cidades do país, como os que tiveram lugar em Cali, Tulúa, Bogotá e Medellín - só para mencionar alguns -; uma vez que as emoções expressas constituíram não só a soma de inconformidades duradouras, mas também a explosão de um país imerso nos efeitos socioeconómicos devastadores derivados das políticas de choque adoptadas pelo governo para enfrentar uma emergência sanitária devido ao vírus COVID-19.

Neste sentido, o processo de mobilização deixa importantes lições a serem aprendidas que devem ser abordadas pela sociedade em geral, e onde as ciências sociais são chamadas a contribuir gerando posições interdisciplinares. A magnitude do recente processo de mobilidade social mostra que, para além de uma crise de percepção dos cidadãos em relação aos governos, existe uma crise institucional: o país perdeu a confiança nas instituições que servem o Estado e, por isso, as suas

exigências transcendem as questões econômicas internas para se transformarem em mudanças estruturais na forma como o sistema político é concebido.

Da mesma forma, as mudanças que precisam ser feitas no sistema político e diante do fortalecimento institucional, também emergem lições sobre o modelo de desenvolvimento vigente, no qual será necessário pensar sobre a eficácia do Estado em sua função redistributiva, uma vez que, embora tenha havido progresso em termos de crescimento econômico - sem considerar os estragos causados pela pandemia - as condições de vida da população não são consistentes com a geração dessa riqueza, o que se deve à alta concentração ocorrida, que continua a alimentar a desigualdade existente.

### Referências bibliográficas

Caicedo, A. e Quintana, L. (2021, 26 de julho). Mobilização social: como é que construímos com ela? Universidad de los Andes. <https://uniandes.edu.co/es/noticias/antropologia/movilizacion-social-como-construimos-con-ella>

González, A. (2019). Mineração e mobilizações sociais na Colômbia: consultas populares e direito ao território. *Política e Sociedade*, 56 (1), 87 - 105. <https://doi.org/10.5209/poso.61557>

Massal, J. (2021). Emoções na mobilização social: a agenda de pesquisa na América Latina na década de 2010. *Ciência Política*, 16 (31), 73 - 115. <https://doi.org/10.15446/cp.v16n31.96573>

Rodríguez, É. (2020). Colômbia 2020: a mobilização social como oportunidade e reflexo da mudança. [https://repositorio.uam.es/bitstream/handle/10486/693200/colombia\\_rodriguez\\_FC\\_2020.pdf?sequence=1](https://repositorio.uam.es/bitstream/handle/10486/693200/colombia_rodriguez_FC_2020.pdf?sequence=1)